

FILOLOGIA E O ESTUDO DO LÉXICO

Celina Márcia de Souza ABBADE¹(UNEB/UCSAL)

RESUMO: A Filologia, ciência lingüística, também pode ser entendida como o estudo da língua em toda sua amplitude. Nesta perspectiva, podem-se abordar todos os aspectos da língua nas ciências filológicas. O século XIX marca o início científico desses estudos. A partir daí, busca-se estudar as línguas nas suas mais diversas nuances. O estudo lexical sempre foi deixado em planos inferiores. Temos excelentes dicionários, mas muito pouco ainda se faz com relação aos estudos lexicológicos. Buscar-se-á aqui mostrar as diversas possibilidades de estudos filológicos com relação ao estudo lexical das línguas, tentando provar a grande importância das ciências lexicológicas que são, a bem dizer, filológicas.

ABSTRACT: Philology, a linguistic science dated back to the nineteenth century, may be understood as the study of the nature of languages as a whole. Thus, all the levels of linguistic analysis may be approached by the philological science. Nevertheless, the lexical researches have always been neglected. In spite of the publication of excellent dictionaries, very few authors are concerned for the inclusion of the contributions of the studies on lexis in their works. In this essay, I present different ways of dealing with lexical matters, trying to show the great importance of lexical researches to the development of the philological science.

A Filologia é uma ciência muito ampla, e pode ser entendida como o estudo da língua em toda a sua amplitude. Assim, um filólogo pode enveredar por qualquer caminho dos estudos lingüísticos. A língua é estudada desde os tempos mais primórdios. No entanto cientificamente, só a partir do século XIX, com o advento da Filologia, é que os estudos lingüísticos tornam-se científicos. Novos métodos surgem com o decorrer dos tempos para explicar e estudar os fenômenos lingüísticos.

Na ótica da Lingüística, a língua é vista como o estudo da linguagem e a linguagem é a leitura do pensamento, não se concebendo um sem o outro. Logo, ela é o próprio elemento de comunicação social, pois não há sociedade sem linguagem ou sem comunicação. A língua como parte social da linguagem, é constituída através de signos que se combinam de acordo com leis específicas. Se a fala é individual, a língua é social, e, para que a fala se socialize, é necessário obedecer a regras sociais de acordo com os códigos estabelecidos.

Assim como Rousseau diz que “não se sabe de onde é o homem, antes de ele ter falado” (ROUSSEAU, 2003), pode-se concluir que o homem só existe histórico e socialmente quando houver linguagem para expressar essa história social. A linguagem faz parte da sua história. Essa linguagem é expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua, é estudar também a história do povo que a fala.

Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo-se de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em um determinado período da história, através do seu léxico. Apesar de pouco estudado até então, o estudo lexical das línguas é deveras importante e necessário para desvendar os inúmeros segredos da nossa história social e lingüística, segredos estes que podem ser desvendados pelo estudo e análise do léxico existente nessas línguas em momentos específicos da história de cada povo.

Língua, história e cultura caminham sempre de mãos dadas e para conhecermos cada um desses aspectos, faz-se necessário mergulhar nos outros, pois nenhum deles caminha sozinho e independente. Portanto, o estudo da língua de um povo, é conseqüentemente, um mergulho na história e cultura deste povo.

No estudo do léxico de uma língua vários conhecimentos se relacionam: fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos.

Um dos estudos mais antigos sobre o léxico remonta ao séc. IV a.C. e vem da Índia, com Panini que em sua gramática estudou o sânscrito e definiu elementos significativos da língua como *palavras reais* — as lexias — e *palavras fictícias* — os morfemas —. No entanto, sua maior preocupação foi com a forma dessas palavras o que o levou ao estudo notável da Morfologia.

¹ celinabbade@ig.com.br

No ocidente, devemos aos gregos as primeiras reflexões conhecidas envolvendo o léxico. Os gregos alicerçaram o campo da Semântica quando, ao se preocuparem com a palavra como conceitos, relacionaram *idéia e forma* partindo de reflexões filosóficas.

A contribuição dos latinos que desenvolveram estudos gramaticais foi mostrando a oposição entre *sistema* (gramática da língua) e *norma* (uso social efetivo), que atuam como forças que conservam a língua, ao mesmo tempo em que lhe permitem mudanças.

Na Idade Média, continuando a tradição greco-latina, retoma-se a controvérsia acerca da exatidão das palavras, opondo *realistas* (as palavras são apenas reflexo das idéias) e *nominalistas* (os nomes foram dados arbitrariamente às coisas).

Do Renascimento até o séc. XVIII, o estudo do léxico se desenvolveu basicamente em torno de dois eixos:

- confecção de dicionários;
- estudo da palavra, numa perspectiva filosófica.

Com relação ao primeiro, apesar de existirem desde os antigos listas lexicais (ideogramas chineses, lista de palavras aparentadas...), foi no séc. XVI, no ocidente, que inicia-se a descrição ordenada do léxico. Com a invenção da imprensa surgiram os dicionários monolíngues e plurilíngues.

Quanto aos estudos filosóficos, acabaram por influenciar os gramáticos da época que procuravam definir os fatores constitutivos da linguagem e das línguas.

Nasce a Lexicologia que estudava a língua falada, analisando-se o conteúdo lexical em elementos conceituais (sentido “básico” da palavra), funcionais (sentido “específico”) e morfossintáticos (sentido “acidental”), e defendendo o aspecto formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semântico e sócio-cultural.

No século XIX, a Lexicologia mudou de perspectiva e a palavra passou a ser vista como forma cuja natureza fonética e morfológica deveria ser observada. Os estudiosos da época deixam de se preocupar com a relação pensamento e palavra e o interesse passa a ser a comparação das palavras, marca predominante deste século. Surge o método da Gramática Comparada, lançado por *Franz Bopp*, e aumentam o interesse pelos textos medievais despertados na época do Romantismo. Com o método histórico-comparativo, utilizado por *Frederico Diez* em sua *Gramática das Línguas Românicas* e *Dicionário Etimológico das Línguas Românicas*, novas teorias vão surgindo para explicar os diversos aspectos das línguas.

Nos finais do século XIX, com a marca triunfal da Geografia Lingüística e conseqüentemente o florescimento da Onomasiologia, o interesse lingüístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais. No VII Congresso Internacional de Lingüística, em 1952, na cidade de Londres, os conceitos lingüísticos gerais são elaborados sobre uma base fenomenológica, significando um sistema de referências extralingüístico. Até então, os dicionários são sistematizados sem relacionarem as definições com os sinônimos existentes.

Em todos os níveis da linguagem (fônico, gramatical ou lexical), encontramos unidades mínimas. Assim, o fonema é a unidade mínima da Fonética, o morfema da Morfologia e o lexema da Lexicologia.

Os fonemas ou os morfemas estão ligados ao sistema, ao passo que os lexemas, além de estarem ligados ao sistema, também estão ligados ao mundo externo. Os fonemas são unidades não-significativas, pois não têm significação por si mesmos. Por outro lado, não são assignificativos porque têm a função de distinguir significações (ex. dia / tia; manga/ manta). Os morfemas têm a significação interna ou gramatical, pertencem ao sistema, logo têm um número limitado. Já os lexemas, enquanto unidades mínimas significativas da Lexicologia têm um universo de palavras lexemáticas ilimitado, talvez por isso tenha sido deixado tão de lado dentre os estudiosos da língua.

A palavra é uma unidade significativa e a sua significação não é apenas lexemática ou referencial, pode também ser morfemática, ou seja, gramatical.

A proposta aqui é mostrar a palavra não enquanto unidade morfemática, mas enquanto unidade lexemática, ou seja, enquanto um lexema. O lexema tem significação externa ou referencial. Como exemplo de palavras enquanto unidade morfemática, podemos citar as preposições, os artigos, as conjunções. Essas palavras são estudadas na Gramática e são em número limitado. Já as palavras lexemáticas, constituem a maior parte do léxico de uma língua e são em número ilimitado, pois a cada dia novas coisas estão surgindo e, conseqüentemente, novas palavras passam a compor o acervo lexical de uma língua. Essas palavras são encontradas nos dicionários que são elaborados por lexicógrafos.

Algumas distinções são fundamentais para os estudos lexicológicos. Vamos partir da distinção básica entre os termos *palavra*, *lexia* e *vocábulo*.

Para muitas pessoas, esses termos seriam uma espécie de sinônimos, não haveria distinção propriamente entre eles. O termo mais genérico seria a palavra e os outros termos seriam empregados de forma mais científica. Esse é algum dos argumentos encontrados durante as aulas, cursos e seminários ministrados sobre os estudos lexicológicos.

Na verdade, todos sabem o que é uma palavra: é a unidade mínima significativa do discurso que pode ter significação interna (gramatical) ou externa (referencial). Ela é um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes. Mas, se a palavra é um termo que faz parte do vocabulário do falante, subentende-se que palavra e vocabulário são conceitos distintos. Mas qual é essa distinção? O vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação. Melhor dizendo, vocabulário é o conjunto de palavras utilizadas por determinado grupo. O vocábulo é a realização da palavra no enunciado do discurso. E a lexia? Dizer que lexias são as palavras de uma língua, estaríamos tornando-a sinônimo da palavra. Então, qual a diferença entre esses termos? É que a lexia, diferente da palavra, é a unidade significativa do léxico de uma língua, é uma palavra que tenha significado social. A lexia é a palavra com significação externa, ou seja, referencial.

A palavra é uma unidade significativa, mas a sua significação não é só lexemática, pode também ser morfemática, isto é, gramatical. A lexia, ao contrário, tem significação externa ou referencial, ou seja, apenas lexemática. A sua referência pode ser as coisas concretas ou abstratas.

Assim, na frase “*a escada é velha*”, temos quatro palavras, porém apenas duas lexias: *escada* e *velha* são as lexias com função apenas referencial ou lexical. Elas também são palavras, assim como o artigo *a* e o verbo de ligação *e*, que têm função gramatical.

São exemplos de palavras gramaticais os artigos, as preposições, as conjunções. Estudam-se na Gramática e são em número limitado. As palavras lexemáticas ou referenciais, melhor dizendo, as lexias, constituem a maior parte do léxico de uma língua e são de número indeterminado. Estão organizadas nos dicionários.

Mas as palavras não são estudadas apenas pelos lexicógrafos, aqueles que elaboram os dicionários. Existem inúmeras possibilidades de se estudar o léxico de uma língua. Apesar de os primeiros estudos das palavras terem sido realizados para organizá-las alfabeticamente nos chamados dicionários, várias outras possibilidades de estudos existem. Vamos conhecer algumas dessas possibilidades.

A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações lingüísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais. A partir daí, temos as subdivisões para essa ciência, ou as ciências afins. Vejamos algumas delas:

- *Lexicografia* - Ciência que se dedica ao estudo e à elaboração de dicionários e glossários;
- *Terminologia* - Ciência que estuda os termos de natureza técnico-científica;
- *Semântica* - Estudo das significações lingüísticas;
- *Etimologia* - Ciência que se ocupa da formação das palavras, explicando a sua evolução a partir da busca do seu étimo;
- *Onomasiologia* - Estudo semântico das denominações - parte do conceito e busca os signos lingüísticos que lhes corresponde;
- *Semasiologia* - Estudo do sentido das palavras o qual parte o significante para explicar o significado que, oposto à onomasiologia, parte do signo em busca da determinação do conceito.

Partindo-se das teorias supracitadas, o léxico de uma língua pode ser estudado sob várias perspectivas. É muito difícil fazer-se uma descrição coerente do conjunto do léxico, na medida em que se considera o mesmo como um sistema. Pode haver limites nos sistemas fonológicos ou gramaticais. Mas estabelecer um sistema lexical, devido ao seu caráter empírico é algo que pode parecer sempre impreciso e inconcluso. Mas, se não se pode estabelecer todo o léxico de uma língua, pode-se começar modestamente por estabelecer sistemas parciais que poderão ser organizados posteriormente em outros sistemas mais complexos. Há uma necessidade de se realizar um estudo estrutural do léxico. No entanto, a Lexicologia tradicional não tem sido estrutural. Os pontos de vista funcionais ou estruturais do léxico não são vistos explicitamente nos dicionários das línguas. Eugenio Coseriu (COSERIU, 1977) atribui as razões para que isso ocorra ao fato de, nesse estudo, se realizar frequentemente a identificação entre significado lingüístico e realidade extralingüística. Além disso, considera-se como Lexicologia basicamente o que une o plano da expressão ao plano do conteúdo e o caráter diferente que é dado ao léxico com relação à gramática. Há uma confusão entre o *conteúdo lingüístico* e a *realidade extralingüística*, uma falta de distinção entre *palavra* e *coisa*. A esses fatos pode-se acrescentar o exemplo dado por Coseriu para uma pergunta do tipo: — Como se designa árvore

em alemão? E a resposta seria simplesmente — *baum*. Dessa maneira, o léxico passa a ser um sistema de nomenclatura com palavras que nomeiam coisas. Mas nem sempre existe uma única palavra para cada coisa, e se a mesma pergunta fosse feita para a língua romena, a resposta não seria tão simples porque *copac* é o genérico, mas uma árvore frutífera chama-se *pom*. Em certos contextos, é necessário usar o termo *arbore* porque não existe *copac genealogica* ou *pom genealogica*, apenas *arbore genealogica*. Na estruturação do léxico de cozinha em campos lexicais, observa-se isso muito bem, uma vez que poderíamos perguntar: — que lexia utilizamos para indicar o peso dos alimentos sólidos? — Nos dias atuais poder-se-ia responder com uma única lexia: — O *quilograma*, ou apenas *quilo*. Mas, no período quinhentista, não teríamos apenas uma lexia para tal resposta, pois, para o peso dos alimentos sólidos utilizava-se o *arrátel*, mas as carnes eram pesadas em *arrobas* e os pós em *alqueires*. E ainda poderíamos pesar esses alimentos em *omças* ou *salamys*.

Por outro lado, diferente da Gramática que estuda *expressão* e *conteúdo* separadamente, no que diz respeito ao léxico é comum não haver essa distinção, e esse vínculo vai acabar por provocar um entendimento do léxico como uma nomenclatura. Para que a Lexemática diacrônica possa realizar-se, é necessário partir-se do *conteúdo* e utilizar-se da *expressão* exatamente como expressão, ou seja, manifestação das distinções existentes para esse conteúdo.

Eugenio Coseriu nos mostra que é possível um estudo diacrônico estrutural das significações das palavras, desde que se entenda a forma ou substância semântica como substância lingüisticamente formada. Ele deixa isso muito claro em *Para uma semântica diacrônica estrutural* (COSERIU, 1977), através de exemplos latinos e de línguas românicas, na qual Coseriu vem mostrar a necessidade e a possibilidade de um estudo diacrônico estrutural da significação das palavras. O problema exposto é basicamente o das mudanças estruturais do léxico que, em termos saussurianos, não diz respeito ao desenvolvimento histórico dos significantes, nem às suas substituições ao longo das histórias das línguas. Dentro de um estudo diacrônico estrutural do plano do conteúdo, esse conteúdo é entendido como a substância semântica lingüisticamente formada. Para um estudo estrutural, é necessário analisar a *língua funcional*, entendida como língua enquanto sistema, ou seja, uma língua até certo ponto unitária dentro de uma língua histórica e não aquilo que se refere a uma língua histórica tomada em seu conjunto que geralmente compreende uma série de línguas funcionais que às vezes são bastante diferentes. As unidades funcionais de uma língua devem estabelecer-se ali onde funcionaram, e mediante as oposições em que funcionam.

Em *El estudio funcional del vocabulário* (COSERIU, 1987), Coseriu trata da Lexemática, entendida como o estudo funcional do vocabulário, o estudo da significação do léxico, a semântica estrutural lexical. O conteúdo lingüístico é composto de *significação*, *designação* e *sentido*. A *significação* é o conteúdo lingüístico de determinada língua, a *designação*, a relação com a realidade extralingüística, e o *sentido* é o conteúdo especial de um texto ou de uma unidade de texto. Entende-se então que, só há *significação* nas línguas e não no falar em geral. Assim como a *designação* é a referência à realidade enquanto representação, feito, estado de coisas, independente da estruturação de tal língua e existe no falar em geral, a *significação* é a estruturação em uma língua das possibilidades de *designação*. A *designação* é um ato de falar, é a utilização de uma *significação*. A *significação* (significado) e a *designação* funcionam como significante (signo material), com respeito ao seu significado (conteúdo).

Coseriu classifica a *significação* em cinco tipos: *lexical*, *categorial*, *instrumental*, *sintática* ou *estrutural* e *ôntica*.

A *significação lexical* diz respeito ao *sentido* da palavra e é o que vai interessar ao presente estudo. A *categorial* refere-se à categoria das palavras (substantivo, adjetivo, verbo etc); a *instrumental* ao sentido dos instrumentos gramaticais; a *sintática* ou *estrutural* ao significado das construções gramaticais (lexemas + morfemas) que formam o singular, plural, presente, pretérito etc; e a *significação ôntica* que só ocorre no plano das orações, pois é o valor existencial na intuição significativa ao ‘estado de coisas’ apresentados em uma oração.

A Lexemática ocupa-se apenas da *significação lexical*, excluindo os outros tipos de significação, tomando como objeto de análise uma língua particular na sua individualidade, ao estabelecerem as suas estruturas paradigmáticas. Assim, as unidades funcionais já estão lexicalizadas, isto é, já existem na língua. Essa ciência não estuda o significado da palavra no texto ou discurso, e sim no seu significado como conteúdo de língua. Ela não se ocupa do que é análogo como “significado de fala”, nem das oposições do ato de fala. Estuda sim, o significado do ponto de vista da própria língua, ou seja, mesmo em contextos totalmente diferentes, o significado será idêntico.

No Brasil, as pesquisas lexicais, vêm sendo realizadas das seguintes maneiras:

- Formação de Palavras - aqui se encontram as pesquisas que, baseadas em teorias estruturalista ou gerativista, analisam os processos de formação de palavras, novos processos e os mais produtivos;

- Vocabulário de Especialidade - destacam-se as pesquisas desenvolvidas com base em teorias estruturalistas, principalmente as de campos lexicais, referentes a vocabulários usados por pessoas que fazem parte de um grupo sócio-profissional, ou a obras escritas. O objetivo destas pesquisas, em geral, é registrar uma parte do léxico em uso, numa dada época, e aspectos da estilística lexical de profissionais da língua;
- Ensino de Vocabulário - essas pesquisas estão baseadas em teorias estruturalistas e textuais, e se voltam tanto para o livro didático quanto para a sala de aula de ensino fundamental e médio. Seu objetivo é diagnosticar a realidade e propor alternativas, fundamentado nos princípios teóricos sobre o texto (considerados a unidade maior para o ensino);
- Terminologia - essas são as pesquisas mais recentes (a partir da década de 90), motivadas pela expansão da tecnologia que repercute nas línguas, uma vez que elas estão relacionadas a cada máquina, equipamento ou instrumento criado e posto em funcionamento, a cada processo de produção praticado, a cada negócio realizado, possibilitando com seus recursos a formação de novos termos, para nomeá-los.

O estudo do léxico tem como maior dificuldade o grande número de unidades léxicas comparadas ao número limitado de unidades tanto na Fonologia, quanto na Gramática. Essa enorme extensão do vocabulário não chega a ser um problema, mas uma dificuldade prática que, baseado em uma série de distinções, propõe e recomenda uma redução do material a ser analisado.

Sendo o léxico o domínio menos estruturado de uma língua, estabelecer estruturas básicas, tal como se faz na Gramática, não é tarefa fácil, mas também não é impossível. É muito difícil fazer-se uma descrição coerente do conjunto do léxico, na medida em que se considera o mesmo como um sistema. Pode haver limites nos sistemas fonológicos ou gramaticais. Mas estabelecer um sistema lexical, devido ao seu caráter empírico é algo que pode parecer sempre impreciso e inconcluso. Mas, se não se pode estabelecer todo o léxico de uma língua, pode-se começar modestamente por estabelecer sistemas parciais que poderão ser organizados posteriormente em outros sistemas mais complexos.

É sempre difícil apresentar teorias concisas acerca do léxico das línguas, uma vez que existem problemas difíceis de resolver ou até mesmo sem solução. Mas o estudo histórico de uma língua necessita de lingüistas interessados no estudo e na estruturação do seu léxico.

Referências bibliográficas

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Campos lexicais no Livro de Cozinha da Infanta D. Maria*. Tese de Doutorado. UFBA. Salvador, 2003.
- ASSUMPÇÃO JÚNIOR, Antônio Pio de. *Dinâmica léxica portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia: aspectos estruturais e semântico-sintáticos. In: PAIS, Cidmar Teodoro et al. *Manual de lingüística*. Petrópolis: Vozes, 1978. p.81-125.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1991.
- BECHARA, Evanildo. Estudo estrutural do léxico: a lexemática. In: id. *Moderada gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. p
- COSERIU, Eugenio. El estudio funcional del vocabulario. (Compendio de lexemática). Trad. de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. In: id. *Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2 ed. rev. Madrid: Gredos, 1987. p. 206-38.
- COSERIU, Eugenio. Introducción al estudio estructural del léxico. In: id. *Principios de semántica estructural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 87-142.
- COSERIU, Eugenio. Las Estructuras lexemáticas. In: id. *Principios de semántica estructural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 162-84.
- COSERIU, Eugenio. Para uma semântica diacrónica estrutural. In: *Principios de semántica estructural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977. p. 11-86.

- FAULSTICH, Enilde. Da lingüística histórica à terminologia. *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*, Recife, v.7, p. 71-101, 1997.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. Trad. e adap. de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- LUDTKE, Helmut. *História del léxico románico*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1974.
- ULMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Trad. de J. A. Osorio Mateus. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1970.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.